

Em busca de soluções mágicas diante da crise

PALAVRA DO GESTOR



FREDERICO MESNIK

Deste o "low" da bolsa, aos 29.435 pontos em 27 de outubro do ano passado, o mercado vem buscando soluções mágicas para colocar o mundo de volta ao seu eixo. Podemos descrever o momento econômico atual invocando uma teoria recente e aceita sobre a origem da nossa Lua.

Essa teoria sugere que há aproximadamente 4,6 bilhões de anos um corpo celeste do tamanho de Marte, em trajetória direta, colidiu com a Terra. Acredita-se que o choque foi tamanho que parte do núcleo da Terra despreendeu-se e uma nuvem de poeira formou-se ao seu redor. Essa parte perdida do núcleo sofreu um processo de condensação e entrou em órbita. Ganhamos nossa Lua e a nossa própria existência!

Graças à gravidade da Lua, a Terra tem uma inclinação de aproximados 23 graus em relação à sua órbita ao redor do Sol. Sem a Lua, a inclinação do eixo terrestre poderia atingir 85 graus. Todo o clima da Terra seria dramaticamente alterado com o planeta girando em tor-

no do Sol com seus polos soltos e desordenados. Na Antártica, onde hoje faz muito frio, seria quente como nos trópicos, já as regiões equatoriais estariam cobertas de gelo. A Lua é um regulador climático e, sem esta constância, não haveria como ter vida humana por aqui.

Da mesma forma, sem um eixo fixo, o mundo financeiro não funcionaria, pois precisa de uma referência para existir em equilíbrio e progredir. A crise, que teve a fase mais aguda em outubro, ofuscou a referência do mundo capitalista na sua forma mais primária, a confiança. A palavra crédito tem sua origem no Latim. O presente do infinitivo do verbo "credere" é credo, crer em português. Sem confiança, não há crédito, e sem crédito não temos referência.

Na era em que a General Motors, um dos ícones do capitalismo moderno, teve sua patente reduzida e virou a Coronal Motors, as ações do Citibank estiveram por alguns momentos abaixo de US\$ 1, a AIG registrou prejuízo recorde de US\$ 62 bilhões para o último trimestre de 2008 e bancos centenários do Reino Unido como o Royal Bank of Scotland e Lloyds foram praticamente nacionalizados, o mundo busca alguma referência para que sua confiança possa ser reestabelecida e o crédito possa fluir para irrigar as lavouras do crescimento.

Não há mágica, a solução não é fácil. Parece que os resultados concretos dos trilhões de dólares que vários governos vêm derrubando

sobre a economia vão demorar mais a chegar. Sabemos que este dia chegará, que teremos nossas economias no eixo, mas não será logo na virada do segundo semestre do ano. É justamente a falta de percepção que está mantendo os ânimos aquecidos nos mercados entre medo e ganância.

A cada plano novo uma esperança de alguma solução definitiva. O Plano Geithner lançado recentemente teve justamente este efeito nos mercados. A expectativa desta nova solução do governo Obama trouxe um tom generalizado de euforia e as bolsas subiram com força. Veio o anúncio e o mercado interpretou como sendo mais um retalho para se juntar à colcha que os governantes tentam costurar para abafar a crise e colocar a Terra de volta ao seu eixo. O mercado cedeu no fato.

Não vamos entrar nos detalhes do plano. A verdade é que se temos um vazamento na caixa d'água, não adianta tentar tampá-lo com durepox por fora. Precisamos esvaziá-la, verificar o buraco, analisar e entender suas causas e tampá-lo de forma eficiente e cautelosa. Aproveitamos a caixa vazia para ver se não há outros buracos para depois enchê-la com água limpa, na segurança de que o vazamento se foi para sempre.

Não estamos aqui querendo simplificar o problema. O fato é que a confiança só volta quando o sistema financeiro dos EUA e Europa estiverem saudáveis, sem vazamento.

A China pode até ajudar o Brasil, mas não tem bala para carregar os problemas do mundo nas costas. Os recentes aumentos no consumo de aço verificados pelo aumento das compras chinesas não mostram que a tendência de queda se reverteu. Mostram apenas que a China, que é responsável por 50% do consumo mundial, vem comprando o que outros deixam de comprar, pois não há aumento na produção.

Diante da situação global, o Brasil está bem. Nosso sistema financeiro é sólido e estável, nossa inflação está comportada e nossa economia mostra sinais de leve recuperação. Os juros devem continuar caindo, beneficiando o consumo interno e as bolsas. Está se consolidando no mundo a visão de que o Brasil está bem e os investimentos estrangeiros podem surpreender. Veremos.

Vamos todos navegando com prudência e segurança. A Lua está aí e um dia o mundo recupera o seu eixo. Até lá, naveguemos de acordo.

Frederico B. Mesnik é gestor da Humaitá Investimentos
E-mail: fmesnik@humaita.com.br

Este artigo reflete as opiniões do autor, e não do jornal Valor Econômico. O jornal não se responsabiliza e nem pode ser responsabilizado pelas informações acima ou por prejuízos de qualquer natureza em decorrência do uso destas informações.